

## **Trabalho Interno – o filme**

Documentário imprescindível para a compreensão da nossa conjuntura econômica recente e atual. Disponível na Netflix e no Youtube

*Renato Felipe Cobo<sup>1</sup>*

“Aliás, restam-lhe alguns minutos para o fim da entrevista. Vejo que fui um tolo. Capriche na tacada!”, foram as palavras de um professor universitário ao diretor Charles Ferguson em Trabalho Interno, documentário que abordou as transformações políticas e econômicas ocorridas nos EUA que conduziram à crise financeira de 2008, a maior da economia capitalista desde 1930. Lançado em 2011, as questões colocadas pelo filme continuam vivas, à espera de uma resposta dos partidos políticos.

Apesar dos temas árdios, o Diretor procurou fazer um filme agradável, com música, imagens externas e boas entrevistas. O foco do filme é a sociedade norte-americana no período 1980 a 2010, mas o início deste traz a Islândia do final do século XX, onde “uma civilização quase em extinção” respeitava o meio ambiente e esbanjava bons indicadores sociais e econômicos. Mudanças políticas ocorridas a partir de 2000 nesse país fizeram o quadro mudar drasticamente e deixaram a Islândia vulnerável à crise financeira iniciada nos EUA.

Essa ida à Islândia foi proposital: as questões levantadas pelo filme são mundiais e, essencialmente, políticas. O desmoronamento de parte de uma montanha onde empresas transnacionais exploravam riquezas minerais do país (algo permitido após as mudanças) é bem simbólico e marca a passagem do filme para o continente norte-americano.

Apesar da preocupação em abordar os assuntos nas suas diversas dimensões (multidisciplinar), a compreensão das questões trazidas pelo filme seria facilitada se o diretor incluísse na sua lista de entrevistados economistas que pensam os temas econômicos a partir das relações sociais. Entre estes, o economista norte-americano Minsky cansou de alertar sobre as consequências sociais e econômicas das inovações financeiras e de um sistema financeiro desregulamentado, algo que os economistas entrevistados pelo Diretor ignoraram.

As inovações financeiras citadas ao longo do documentário foram a securitização e os derivativos. Estas duas permitiram o uso disseminado de CDO (*collateralized debts obligation*) e CDS (*credit default swap*), que transferiram os riscos de créditos inerentes a um título financeiro a terceiros. Se é possível na ótica individual, do ponto de vista da coletividade, no entanto, essa transferência de riscos não é possível, o que exigiu uma drástica intervenção das autoridades para conter a crise financeira.

Para não tornar a leitura deste texto cansativa, o leitor deve assistir com atenção à primeira parte do documentário (as origens da crise), onde há uma nítida preocupação em explicar o significado dos ativos financeiros CDO e CDS como também em retratar como estes ativos concederam uma autonomia (ainda que temporária e ilusória) aos lucros do setor financeiro em relação ao resto da economia. Há ilustrações e entrevistas que explicam as “inovações” financeiras.

Essas inovações, como explicou George Soros, um dos entrevistados, foram possíveis graças às mudanças legais ocorridas ao longo dos últimos 40 anos nos EUA. Um pesado *lobby* financeiro foi responsável por divulgar entre os políticos norte-americanos (republicanos e democratas) os benefícios sociais que a desregulamentação do sistema financeiro poderia proporcionar. Os muros das “caixinhas” onde cada agente financeiro estava inserido durante o período da regulamentação financeira (1945 a 1975, aproximadamente) foram, aos poucos, caindo e concedendo uma crescente liberdade aos agentes financeiros privados. A velha narrativa ideológica que associa a liberdade

---

<sup>1</sup> **Renato Felipe Cobo**, possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). É professor nos cursos de Administração e de Ciências Contábeis do Unifeso.

individual ao progresso econômico e social ganhou força política e legitimou as propostas de mudanças feitas pelo (e para) sistema financeiro dos EUA.

A narrativa “científica” para as mudanças propostas ficou a cargo de alguns professores dos cursos de Administração e Economia de renomadas universidades americanas. Estes fizeram o papel de emprestar argumentos ditos científicos para convencer a sociedade norte-americana dos benefícios coletivos das inovações financeiras propostas. Em troca, de acordo com o documentário, receberam pagamentos polpidos do sistema financeiro. A crise ética vazou e sujou a credibilidade acadêmica de alguns doutores, que são identificados com nome e sobrenome ao longo do filme.

O último governo abordado pelo filme foi o governo do Presidente Obama. Sem esperança no governo democrata, classificado como um governo de Wall Street, o ótimo filme encerrou com um alerta sobre a necessária e fundamental mobilização coletiva para o enfrentamento político das questões ali colocadas.